

CONTRIBUIÇÕES DE UMA GRAMÁTICA DO TEXTO PARA O ENSINO DA
LÍNGUA MATERNA (O Caso da Língua Portuguesa)

Maria Christina Diniz Leal
(UnB)

O objetivo deste trabalho é apresentar algumas reflexões sobre problemas que envolvem a gramática e o ensino da língua portuguesa, particularmente no que diz respeito à sintaxe, e formular sugestões.

Consideramos ser esta uma oportunidade de refletirmos sobre indagações comuns a grande parte de professores de língua portuguesa em nosso país atualmente. Perguntas como "Que tipo de gramática ensinar?", "Qual o espaço e papel da gramática no ensino do idioma pátrio?" são usuais, no entanto permanecerem ainda sem respostas satisfatórias. Decorre daí uma reação de insegurança quanto ao trato com a gramática que se manifesta, muitas vezes, em orientações pedagógicas equivocadas como "Não se pode ensinar gramática" ou "Não se deve falar em gramática", nas quais parece haver uma intenção velada de se alijar a gramática do âmbito do ensino, como se o problema pudesse ser resolvido desta forma.

Pensamos que esta reação quanto à gramática advém de dois fatores, e Perini (1985) já tratou muito bem do primeiro, ao assinalar as falhas observadas na elaboração da Gramática Tradicional: "inconsistência teórica, falta de coerência interna; caráter predominantemente normativo; enfoque centrado em uma variedade da língua, o dialeto padrão (escrito), com exclusão de todas as outras variantes"¹, o que dificulta a utilização da gramática e acarreta insegurança, como foi dito.

O outro fator é, acreditamos, o fosso que se vem aprofundando entre, de um lado a gramática tradicional, que se mantém à margem do desenvolvimento das pesquisas linguísticas, portanto em situação, digamos, "estática" e de outro lado, a acelerada dinâmica da produção científica na área da linguística. Isto é, a gramática permanece presa a uma organização e princípios seculares, não tendo sido ainda examinada extensivamente à luz de novas teorias linguísticas, por enquanto há somente pesquisas sobre tópicos isolados.

Portanto são necessárias investigações na área da língua portuguesa que esclareçam dúvidas, preencher lacunas e que também, e sobretudo, recuperem o sentido primeiro da gramática da língua, da gramática intrínseca -- aquela com que se constrói o discurso com diferentes funções e características e que independe de

orientações narrativas. É necessária a elaboração de uma nova gramática da Língua Portuguesa, nos moldes propostos por Perini. Além disso, deve-se também revitalizar o estudo da gramática, seja examinando-a sob todas as formas de abordagem lingüística que ofereçam contribuições explanatórias pertinentes; seja analisando e avaliando o papel dos recursos gramaticais na construção de um texto e de seus efeitos estilísticos. Ampliam-se desta forma as perspectivas dos estudos gramaticais para além do ponto de vista simplesmente prescritivo.

Nesse sentido, analisaremos uma proposta de B. Corbettes (1983) para o estudo e ensino do francês, que oferecerá, acreditamos, possibilidades de aplicação igualmente produtivas em língua portuguesa. Serão examinadas algumas contribuições de princípios da gramática do texto e da perspectiva funcional da frase para o estudo da sintaxe em língua portuguesa e para a análise e produção de textos. Nas três primeiras partes do trabalho, trataremos sucintamente dos pressupostos teóricos e das propostas de aplicação dos mesmos formuladas por Corbettes; na última, serão apresentadas sugestões de aplicação prática em língua portuguesa, principal objetivo desta comunicação.

1 - TEXTO E FRASE

A competência lingüística do falante, conforme van Dijk (1972), não é frásica, mas textual, pois só esta permitira distinguir quando um enunciado é ou não um texto; precisar o maior ou menor grau de gramaticalidade textual; reconhecer similaridade entre textos diferentes, ou ainda parafrasear textos. O texto é assim considerado, por apresentar propriedades que constituem sua textualidade e que, segundo Beaugrande-Dressler (1981)², são coesão, coerência, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade, intertextualidade. Para tratar de texto, Corbettes recorre às regras de retacoerência textual de Charolles (1978): regra de repetição: o texto deve comportar, em seu desenvolvimento, elementos de recorrência restrita; regra de progressão: o texto deve ter elementos semânticos constantemente renovados; regra de não-contradição, de acordo com a qual o texto coerente não introduz nenhum elemento semântico que contradiga o outro e finalmente a regra de relação, segundo a qual uma sequência ou um texto são coerentes se os fatos que eles denotam do mundo representado são relacionados. Uma gramática do texto deverá, pois, estudar as propriedades da textualidade, além de levantar critérios de delimitação dos textos e de distinção dos diferentes tipos de texto (FÁVERO, 1983).

Convém também serem aqui lembradas algumas das considerações de Halliday e Hasan (1976) sobre texto e coesão. Texto não é uma unidade gramatical, como uma oração ou frase, nem pode ser definido por seu tamanho. Texto é uma unidade semântica, uma unidade não de forma, mas de sentido, e liga-se a uma frase ou oração pela realização, a codificação de um sistema simbólico em outro; um texto não consiste, pois, de frases, mas é realizado por elas, e as formas de integração entre as partes de um texto diferem das existentes entre frases e orações. O que caracteriza um texto é a sua textura, e o conceito de vínculo permite analisar um texto em termos de suas

propriedades de coesão e dá uma visão sistematizada de seu padrão de textura. Há diferentes tipos de coesão: por referência, por substituição, elipse, conjunção e também coesão lexical. A coesão é expressa em parte pela gramática, em parte pelo vocabulário.

2 - PERSPECTIVA FUNCIONAL DA FRASE E DINAMISMO COMUNICATIVO

No exame da perspectiva funcional da frase, que trata da estrutura informacional, Corbettes se baseia na proposta de dinamismo comunicativo de J. Firbas³ (1971), para quem cada elemento da frase participa em maior ou menor grau para o desenvolvimento da comunicação. O tera será o elemento de menor grau de dinamismo comunicativo e o rema, o de maior elevado grau. A proposta inclui ainda um terceiro dado -- a transição e também uma hierarquia: tera próprio (com maior baixo grau de dinamismo comunicativo) e resto do tera; rema próprio (com o maior alto grau de dinamismo comunicativo) e resto do rema. Assim, segundo Firbas, todos os elementos da frase contribuem, em maior ou menor grau, para o desenvolvimento da comunicação.

3 - APLICAÇÃO

Quanto à aplicação prática da perspectiva funcional da frase, Corbettes assinala as relações existentes entre a perspectiva funcional da frase e a sintaxe. De modo geral, o elemento terático coincide com o que a sintaxe denomina de sujeito e o remático, com o predicado. Há, porém, inúmeros casos que fogem a esta estrutura. Observa Corbettes que a perspectiva funcional terá influência sobre construções que, num primeiro exame poderiam parecer puramente sintáticas. Um exemplo é o das operações de apagamento e o das construções antecipadas que, do ponto de vista da sintaxe, podem ocorrer tanto com constituintes como sujeito ou como predicado, mas que, examinadas à luz da perspectiva funcional, terão uma explicação mais coerente: num texto, os elementos que costumam ser apagados são os de valor terático, os remáticos devem permanecer, sob pena de gerar ambigüidade. As construções antecipadas ligam-se a um sujeito ou a complementos, desde que não sejam grupo remático novo.

Estabelece ainda Corbettes a relação entre a perspectiva funcional da frase e a lingüística textual. São levantados dois problemas quanto à regra de repetição: a necessidade de se identificar os recursos de que a língua dispõe para representar o aspecto terático de alguns constituintes; e a de distinguir como se dá o encadeamento entre frases, a partir da divisão das restas em elementos teráticos e remáticos. Para representar o aspecto terático, a língua dispõe de vários recursos como a ordem das palavras, um dos principais na perspectiva funcional, também a distinção definido/indefinido, o papel dos demonstrativos. O tera estabelece relações com o contexto e pode aparecer sob a forma ou de repetições de nomes próprios, pronomes pessoais, construções substitutivas; ou de pronominalizações de diferentes tipos; ou de substituições lexicais. O outro aspecto da relação entre perspectiva funcional e a lingüística textual é a maneira como se dá a progressão terática da qual dependerá a coerência textual. Isto implica saber a natureza dos teras e a ordem dos restos. Pode

haver diferentes tipos de progressão: linear -- em que cada tera de uma frase origina o tera da seguinte; progressão de tera constante, em que o resto tera se repete em frases sucessivas; progressão com tera derivado, que é a mais complexa, e que ocorre quando um hipertera se subdivide em vários subteras. Muitas vezes, porém, o hipertera não está representado no texto e deve, então, ser subentendido.

Corbettes analisa ainda a contribuição da perspectiva funcional da frase para o ensino da língua no que diz respeito à análise e produção de textos. Ressalta que a perspectiva funcional pode ser abordada cedo, em exercícios de reescrita de textos produzidos por alunos; também em exercícios de reconstituição ou ainda ampliação de textos, seja para completar partes, inventar início ou fim. Este tipo de trabalho exige domínio de diferentes aspectos da coerência e da perspectiva funcional. Quanto à análise do texto, assinala o autor a possibilidade de se explorar o domínio da perspectiva funcional no estudo de textos, analisando a construção de um texto, a sua divisão em elementos teráticos e reráticos, a sua progressão terática. Poderão ainda ser observados os laços existentes entre a sintaxe e a perspectiva funcional.

4 - PERSPECTIVAS DA APLICAÇÃO NA LÍNGUA PORTUGUESA

Pensamos que uma integração da perspectiva funcional da frase e da gramática do texto ao estudo da sintaxe da língua portuguesa poderia trazer resultados dos mais positivos, não só resolvendo problemas, corrigindo falhas, mas também preenchendo algumas lacunas. Além disso, seria inegável a contribuição para o aprimoramento do método de análise e produção de textos.

Um problema da sintaxe tradicional, por exemplo, é o da frase ser tomada como último limite na segmentação do enunciado. Alguns poucos argumentos bastam para evidenciar a necessidade de reformulação. Segundo Van Dijk (1972) várias são as formas pelas quais frase e texto se relacionam, e alguns problemas, situados a nível da frase, como o emprego de artigos definidos, indefinidos, pronominalização, poderiam ser resolvidos, se examinados em termos de relação interfrásica em um texto coerente. Para Genot (1984), é grande a dificuldade em se estabelecer com precisão os limites entre frase e texto. Não se deve esquecer também a importância do contexto para resolver vários problemas a nível de compreensão de texto e de construção gramatical e o contexto, naturalmente, ultrapassa o âmbito da frase.

A ampliação dos limites da análise sintática da gramática tradicional, isto é, o exame não só das relações no âmbito da frase, mas das interfrásicas, levando em consideração os princípios da textualidade, sobretudo a coesão e a coerência, poderia resolver algumas contradições como: a gramática do texto reitera a dificuldade em se estabelecer os limites definidos entre frase e texto, por outro lado, a gramática tradicional toma a frase como limite de análise. A gramática do texto considera que as propriedades da textualidade podem ser inerentes ao texto ou relacionadas ao usuário (intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, etc.), na gramática tradicional, entretanto, a sintaxe se utiliza apenas dos recursos linguísticos.

A integração gramática da frase e gramática do texto tornará evidente a necessidade de se relacionar o atual esquema de segmentação sintática -- frase, oração, período -- ao texto e às propriedades da textualidade. Isto estimulará, acreditamos, o exame e avaliação dos efeitos negativos do antigo esquema não só para o entendimento do processo sintático, mas ainda nas atividades de compreensão e produção de textos. O questionamento conduzirá fatalmente, pensamos, a uma reformulação do referido esquema, e a frase não será mais o marco final do estudo sintático.

Um exemplo é o seguinte texto de Machado de Assis⁴:

Jantei e fui a casa. Lá achei uma caixa de charutos, que me lembrava o Lobo Neves, embrulhada em papel de seda, e ornada de fitinhas cor-de-rosa. Entendi, abri-a e tirei este bilhete:

Meu B ...

Desconfiar de nós; tudo está perdido; esqueça-me para sempre. Não nos veremos mais. Adeus; esqueça-se da infeliz.

V...a

De acordo com a sintaxe da gramática tradicional, o texto do bilhete é constituído de 3 períodos; se examinarmos, porém, do ponto de vista da frase, entendida como uma unidade de sentido, o bilhete é ele todo uma só frase, portanto só o conjunto dos três períodos poderá transmitir a informação do texto. Assim, observase, um entre incontáveis casos, em que a análise de um texto em orações e períodos, sem considerar o aspecto interfrásico e textual, comprometeria a apreensão da integridade textual.

A extensão dos limites de estudo da sintaxe para além da frase eliminaria o artificialismo do atual esquema, e ofereceria uma visão do desenvolvimento discursivo e do papel desempenhado pelo contexto na análise e identificação de construções. Isto tornaria, cada vez mais evidente, pensamos, a ineficácia e os efeitos questionáveis de exercícios de identificação de funções sintáticas em frases isoladas.

Outro aspecto positivo da relação gramática da frase e gramática do texto seria o fato de que também poderiam ser examinadas no âmbito dos estudos sintáticos, construções costumeiramente postas à margem, uma vez que apresentam estruturas que o instrumental teórico da gramática tradicional não está aparelhado a resolver. Essas construções, entretanto, poderiam ser analisadas segundo as propriedades da textualidade que oferecem elementos para identificar e explicar mecanismos de ruptura da frase de base. Como exemplo, apresentamos um trecho de um poema de Drummond⁵:

A noite desceu. Que noite!
Já não enxergo teus irmãos.
E nem tampouco os ruidos
que outrora te perturbavam.

A noite desceu. Nas casas,
nas ruas onde se combate,
nos campos desfalecidos,
a noite espalhou o medo
e a total incompreensão.
A noite caiu. Trerenda,
Ser esperança... Os suspiros
Acusam a presença negra
que paralisa os guerreiros.

De acordo com a sintaxe tradicional, os sintagras "Que noite" e "Trerenda, ser esperança..." seriam rotulados de "frases nominais" e não seria indicada a forma como se relacionam os restos ao encadeamento frásico, este, entretanto, seria explicado e identificado, se as construções fossem examinadas de acordo com os princípios de coesão e coerência da gramática do texto. Segundo estes, em "Que Noite!" a coesão seria lexical por reiteração, e a repetição de "noite", um dos fatores que asseguraria a coerência textual.

A perspectiva funcional da frase e a noção de dinamismo comunicativo também poderiam contribuir significativamente para o estudo da sintaxe da língua portuguesa. Crerem que as noções de terro e retra e de progressão temática permitiriam analisar e explicar satisfatoriamente alterações na constituição da estrutura formal da frase básica (sujeito-verbo-complemento) no que diz respeito quer à mudança de ordem, quer ao apagamento de constituinte. Assim, seriam examinados os efeitos de uma anteposição de constituinte sobre a estrutura da frase, tornando um item mais ou menos enfático, diminuindo ou aumentando o suspense. Outro caso a ser explicado seria o de apagamento de um terro ou elipse. Como já foi mencionado, ocorre apagamento quando um terro tem caráter temático; esta noção explicaria, no texto de Drummond, a constituição da frase "Trerenda, ser esperança...", na qual se poderia identificar o apagamento de "A noite caiu", sintagma de natureza temática. Além disso, reiteraões, processos de sinonímia, poderiam ser estudados em relação ao dinamismo comunicativo, ao desenvolvimento da intriga; na criação de efeitos de suspense, clímax; na caracterização de personagens.

Na análise de textos, o dinamismo comunicativo oferecerá elementos para que se examinem as formas de progressão temática e a relação das partes com a tipologia do texto, seja ele descritivo, narrativo ou argumentativo. Assim, os tradicionais exercícios de análise e interpretação de textos se voltarão não apenas para a identificação da tipologia textual, mas procurarão encontrar na estrutura formal os elementos que compõem também essa tipologia. Corbettes apresentou interessantíssimos exemplos dos efeitos obtidos em descrições, narrações decorrentes do tipo de progressão temática. Os princípios do dinamismo comunicativo oferecerão elementos concretos, isto é, a nível de estrutura formal, para que se analise um texto também quanto à coerência, quanto ao maior ou menor grau de eloquência obtido, além de oferecer dados

para exame de pressupostos.

Quanto à produção escrita de textos, poderão ser exploradas as propriedades da textualidade -- coesão, coerência -- para desenvolver formas de construção ainda não dominadas pelo estudante; para explicar e corrigir falhas observadas nas redações. Por sua vez, a exploração da perspectiva funcional e da noção de dinamismo comunicativo oferecerá elementos para o aprimoramento da expressão escrita. O professor poderá localizar e identificar o tipo de falha e propor exercícios para corrigi-la. Os juízos "impressionistas" sobre a produção escrita serão substituídas por indicações precisas que ajudarão o aluno a entender a falha e o professor a oferecer meios para corrigi-la.

Concluindo, gostaríamos de dizer que o que foi apresentado resulta do trabalho que vimos desenvolvendo nos dois últimos anos em sala de aula e em pesquisa, com o objetivo de redimensionar o sentido do ensino da gramática e sobretudo integrá-lo de forma eficaz ao processo de construção e análise do discurso. Muito há para ser feito, e pensamos que todos os esforços devem ser empreendidos para que a gramática deixe de ser essa espécie de "Gata Borralheira" e lhe seja assegurado o espaço justo e necessário no estudo de nosso idioma, e isto não ocorrerá, sabemos, com o que é oferecido pela gramática tradicional.

NOTAS

1. PERINI p. 6.
2. A obra de Beaugrande-Dressler será citada mediante Corbettes e Maria Helena Mira Mateus e outros
3. A proposta de J. Firbas será apresentada mediante Corbettes.
4. Trecho de Memórias póstumas de Brás Cubas. Obra completa vol. I. Rio de Janeiro, Aguilar, 1979, p. 580.
5. Trecho do poema "A noite dissolve os homens" em Fazendeiro do ar & Poesia até agora. Rio de Janeiro, José Olympio, 1955, p. 161.

BIBLIOGRAFIA

- CHAROLLES, M. 1978. "Introduction aux problèmes de la coherence des textes". Langue Française, 38, 7-41.
- COMBETTES, B. 1983. Pour une grammaire textuelle. Bruxelles-Paris. De Boeck Duculot, .

- FÁVERO, Leonor Lopes e KOCH, Ingedore G. Villaça. 1983. Linguística textual: introdução. São Paulo, Cortez.
- _____ e PASCHOAL, M.S.Z. 1986. Linguística textual - Texto e leitura. São Paulo, EDUC.
- GENOT, G. 1984. Grammaire et recit. Essai de linguistique textuelle. Nanterre, CRLI,
- HALLIDAY, M.A.K. e HASAN, R. 1976. Cohesion in english. London, Longman.
- MATEUS, Maria Helena Mira e outros. 1983. Gramática da língua portuguesa. Coimbra, Almedina.
- PERINI, Mário A. 1985. Para uma nova gramática do português. 2 ed. São Paulo, Ática.
- VAN DIJK, T. 1972. Some aspects of text grammars. The Hague, Mouton.